

R O B J . H A Y E S

O JOGO DAS PEÕES

TRADUÇÃO
João Pedroso

 FARO
EDITORIAL

COPYRIGHT © 2018 ROB J HAYES
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2023

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem
autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Assistente editorial **LETÍCIA CANEVER**
Preparação **CRIS NEGRÃO**
Revisão **BÁRBARA PARENTE**
Adaptação de capa **VANESSA S. MARINE**
Projeto gráfico e diagramação **VANESSA S. MARINE**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
JÉSSICA DE OLIVEIRA MOLINARI CRB-8/9852

Hayes, Rob J.
O jogo dos peões / Rob J. Hayes ; tradução de João Pedroso. — São Paulo : Faro
Editorial, 2023.
288 p.

ISBN 978-65-5957-288-5
Título original: Pawn's Gambit

1. Ficção inglesa 2. Literatura fantástica I. Título II. Pedroso, João

23-0848

CDD 823

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
I. FICÇÃO INGLESA



1ª edição brasileira: 2023

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos
por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br

Comandei exércitos. Travei guerras, verdadeiras guerras em todas as milhares de encarnações. Passei a entendê-las como ninguém jamais o fez antes de mim e como ninguém o fará. As pessoas pensam que a guerra é um conceito imposto pelos poderosos sobre os fracos. Uma disputa de batalhas, um empurra e puxa de forças opostas lutando por dominância, à procura do golpe derradeiro capaz de cortar a cabeça e encerrar o confronto. Isso é mentira.

A guerra é algo vivo, algo único para a humanidade que habita o espaço entre os reinos físico e espiritual, algo que imita seus conceitualistas com uma precisão alarmante. Uma guerra começa pequena. Como uma ideia, um pensamento, um conceito. Nunca é rápida, a guerra leva tempo para ser gestada, para crescer, para assumir uma forma, muito antes de nascer para o mundo. E seu nascimento é sempre sangrento. Com violência, gritos e amor. Nenhuma guerra acontece sem amor. Seja amor por alguém, amor pelo poder, amor por dinheiro, amor por uma nação. Guerras crescem e se expandem para além das fronteiras de seus motivos. Conforme mais participantes se juntam à guerra, trazem também seus próprios propósitos que enlameiam suas águas e mudam seu fluxo. Guerras crescem e, conforme crescem, mudam, consomem, se propagam. São coisas solitárias que buscam companhia e geram conflitos menores.

E mesmo assim, com o tempo se cansam, dão e recebem cicatrizes que curam e se transformam em um tecido mais grosso, mais caloso. E quando morrem, morrem com força. Assim como as pessoas, partem se agarrando a cada segundo, a cada fragmento de vida. Guerras nunca terminam quando

a cabeça do inimigo é arrancada. Isso também é mentira. Batalhas continuam, mesmo que seu propósito seja esquecido, mesmo que os ideais que as motivaram se dispersem pelo vento. Homens continuam lutando mesmo quando a esperança já não faz mais diferença, e a razão, muito menos. E quando a guerra é finalmente posta para descansar, pois é o que sempre acontece, fica na memória por aqueles a quem deu à luz e por aqueles que destruiu.

Xiaodan Wei

PRÓLOGO

— TODOS OS OUTROS DEUSES ESTÃO ESPERANDO, NATSUKO — DISSE Fuyuko, com sua voz infantil, alta e animada. — Vamos logo, escolha de uma vez.

Natsuko deu uma olhada para o irmão gêmeo e voltou a contemplar os retratos nas paredes. Já fazia dias que estava no Salão das Faces tentando escolher. Milhões de quadros decoravam as paredes do vasto auditório; havia uma pintura de cada humano em Hosa, Ipia, Nash e Cochtan. Enquanto olhava, os cantos de um dos retratos começaram a se dobrar, o pergaminho amarelou e a tinta enfraqueceu. Outro humano morrerá. Vivia morrendo essa gente, e sempre em grandes quantidades, principalmente nos últimos cem anos. Um século de guerra e tantas vidas perdidas. O pergaminho virou pó, e o rosto outrora estampado ali desapareceu. Changang, o deus da vida, chegaria em breve para substituir o quadro e pintar um novo rosto. Era função dele em Tianmen manter o Salão das Faces atualizado. Mas agora até mesmo Changang estava esperando por Natsuko.

— Escolha, irmã! Não temos toda a eternidade.

— Paciência, irmão — disse Natsuko, num tom desafiador. — Só temos uma chance.

— Eu sei, irmã — respondeu Fuyuko. A criancice, antes estampada em suas feições, agora abria espaço para uma carranca. — Dentre todos os deuses, pode ter certeza de que *eu* sei!

Era hora de escolher. Natsuko suspirou e arrancou um dos quadros da parede. Uma mulher de meia-idade com rugas que evidenciavam os sorrisos fáceis, há muito substituídos por uma expressão dura, fruto da culpa e do luto. Uma vida de dor, de muito esforço, de perda. Esse rosto, essa humana, de todos os milhões de rostos que a cercavam, talvez entendesse.

— Esta aqui — disse Natsuko.

Ela esperava que fosse sentir algo certo quando escolhesse a pintura que queria, mas não sentiu coisa alguma. Michi, o deus dos presságios,

provavelmente teria algo a dizer a respeito... se bem que Michi sempre tinha algo na ponta na língua para tudo.

— Tem certeza? — perguntou Fuyuko.

Ele encarava a pintura e olhava com aquela expressão que deixava claro que achava que a irmã havia endoidado. Como era fácil entender esse garoto, era sincero até demais. Era por isso que estavam interpretando aqueles papéis. Não haveria como ser de outro jeito.

Natsuko sorriu para o irmão e, empolgada, concordou. Depois, agarrou-o pela mão e o puxou para fora do Salão das Faces. Com as sandálias batendo contra o chão de mármore e as nuvens se movendo com vigor de ambos os lados — e lá em cima no lugar das paredes e do teto —, correram pelos corredores de Tianmen. Estava estranhamente quieto. Todos os deuses haviam se reunido na sala do trono e esperavam para começar a disputa. Esperavam por ela.

As portas, que se agigantavam através das nuvens no alto, estavam abertas. Segurando a pintura contra o peito, Natsuko passou por ali enquanto apertava a mão do irmão. Não o soltaria por nada, não quando eles estavam assim tão perto. Todos os deuses se viraram para vê-la entrar. Havia centenas deles, alguns amigos, outros o extremo oposto. Alguns até chegaram a rosnar. Todos os deuses tinham inimigos, até mesmo deuses-crianças como Natsuko. No púlpito, em frente ao trono de jade, Batu, o deus da guerra, o tianjun pelo último século, esperava. Por um século, ele havia governado os céus e, por um século, o mundo lá embaixo não conhecera nada além de guerra. Agora, porém, os deuses tinham uma chance de mudar isso. E ela pagaria qualquer preço.

— Está finalmente pronta, pequena Natsuko? — perguntou Batu, sorrindo para ela.

Ele até que não era grosseiro para um deus. Estava lá, radiante, com o peito nu, pele bronzeada, sem um único fio de cabelo além das sobrancelhas fartas cor de fogo e costeletas douradas espessas.

Havia joias cerimoniais ao redor de seu pescoço, seus únicos ornamentos. Batu se inclinou sobre seu bastão vermelho de madeira, uma arma que nenhum outro deus, mortal ou espírito, conseguia levantar. O trono de jade era seu. Por enquanto.

Arrastando Fuyuko, Natsuko atravessou a multidão de deuses.

— Estavam todos esperando por mim? — perguntou, com um risinho.

Batu riu.

— Bom, não é possível continuar sem todos presentes. Mas vou admitir: estava prestes a mandar Sarnai te arrastar até aqui, pronta ou não.

Sarnai, a deusa do fogo, fez uma cara zombeteira para Natsuko. Ela era mais alta que a maioria dos deuses e metade reptiliana. Uma longa cauda

descansava atrás de seu corpo, e escamas salpicavam sua pele. Respingava fogo de sua boca sempre que a abria, o que a deixava com a língua presa de um jeito que era praticamente impossível de entender.

— Pelo *vixto voxé excolheu* — disse a deusa do fogo. — *Posxo* ver?

E estendeu uma mão, que mais parecia uma garra. Natsuko apertou o retrato com ainda mais firmeza contra o peito. Sarnai riu, o que fez labaredas jorrarem de seus lábios. Natsuko segurava a pintura que havia escolhido, mas o rosto no retrato parecia mais uma máquina do que um humano.

Batu ergueu o bastão e o bateu no chão. O som foi tão alto quanto dez gongos tocando ao mesmo tempo. Ele esperou que ficassem em silêncio e então deu um sorriso irônico.

— Chegou a hora — disse, olhando de cima para baixo, a todos ali presentes. — Deuses que desejam me desafiar pelo trono, apresentem-se.

Natsuko deu um passo à frente. Não foi a única. Trinta e cinco deuses das centenas ali reunidas resolveram tomar partido. Cada um carregava um quadro em uma mão e seu artefato na outra.

— São tantos — zombou Batu, arreganhando os lábios como uma cabra. — Será que meu tempo como tianjun foi tão ruim assim? — Ele ergueu uma mão antes que qualquer um pudesse responder. Sabia exatamente como seu governo fora e não se importava. Afinal, era o deus da guerra, e a ela era seu propósito. — Todos conhecem as regras. E todos sabem o preço.

Deu uma olhada em Natsuko, e ela viu a tristeza nos olhos dele. Nenhum outro deus desistira.

Batu respirou fundo, levantou a voz e falou com um ar de formalidade:

— Nos reunimos aqui, nós, deuses de Hosa, Ipia, Nash e Cochtan, como fazemos a cada cem anos, para participar da Forja Celestial. Para definir quem de nós se sentará no trono pelo próximo século. Qual de vocês tentará tomar meu lugar? Deixe seu artefato que eu os semearei. Levem suas pinturas e encontrem seus campeões. — Ele apontou para o céu e para a lua que cruzava as alturas. — Hikaru?

Com os pés envolvidos em chinelos, Hikaru, a deusa da lua, deu um passo à frente e curvou a cabeça. Por um instante, a lua pareceu brilhar mais forte.

— Daqui a vinte e cinco dias, a lua ficará cheia novamente — disse a deusa.

Natsuko quase riu ao pensar em como isso confundiria os humanos. Os observadores de estrelas documentavam e previam com muito cuidado a passagem da lua e dos astros. Hikaru acabara de acelerar o ciclo e transformara todas essas previsões em caos.

O deus da guerra bateu uma palma.

— A disputa começará com a luz de um novo dia. Boa sorte, e... — seu sorriso ficou mais largo e esticou seu rosto até deixá-lo com um ar ameaçador — espero que todos fracassem. — A maioria dos deuses riu da piada, mas não Natsuko. Ela enxergou as entrelinhas do humor de Batu e se perguntou do que ele seria capaz para fazer com que todos, de fato, fracassassem. Não seria o primeiro governante dos céus a manipular o jogo. — Bom, se mexa, minha gente. Nada de ficar parados aí.

Cada um dos deuses participantes deu um passo à frente e deixou seus artefatos diante do trono. Natsuko foi a última; era difícil se desfazer da coisa que mais valorizava no mundo. Mas era preciso. Era o preço para entrar na disputa, e o único jeito de colocar um fim ao governo de Batu.

— Vou deixá-lo em um lugar bom — disse ele, mas baixinho, para que ninguém mais ouvisse.

Natsuko cerrou um dos punhos enquanto, com o outro, segurava a pintura.

— Longe das suas guerras?

O sorriso desapareceu do rosto de Batu, e ele a encarou com um olhar tão gélido quanto o aço.

— Não existe mais um lugar sem guerra. Afinal, talvez eu tenha só mais vinte e cinco dias no comando. Minha intenção é mergulhar o mundo em uma discórdia nunca antes vista, pequena Natsuko.

Natsuko vacilou, mas ergueu o rosto e encarou Batu.

— Eu vou te impedir.

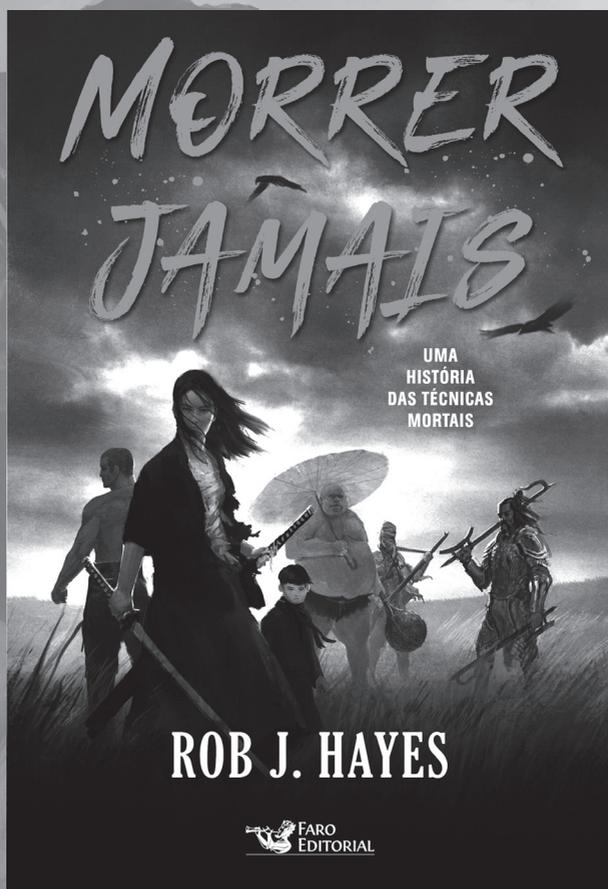
O deus da guerra abriu os braços.

— Então me impeça.

Natsuko sustentou o olhar para Batu por mais um instante, soltou o artefato no púlpito, se virou e saiu dali o mais rápido que suas perninhas permitiam. Seu coração se despedaçou, e ela se esforçou para segurar as lágrimas. Era necessário. Tudo fazia parte do plano. Do plano de Fuyuko. O problema é que *ele* não tinha a força para colocá-lo em prática. E, por isso, havia sobrado para ela.

— Espero que você seja a escolha certa — sussurrou para o retrato.

LEIA TAMBÉM



ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR

CAMPANHA



Há um grande número de portadores do
vírus HIV e de hepatite que não se trata.
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO
EM MARÇO DE 2023